

Ensino de História e Memórias Dolorosas

Luisa Black

Setembro 2020

V.N.Famalicão - Luisa Black



A história induz um sentido de cidadania, e lembra-nos que questões levantar, especialmente sobre fontes... (evidência)



Primeira refeição de
crianças refugiadas na
Colónia Balnear Infantil
de O Século

(Arquivo Histórico
Municipal de Cascais)

O E.M.E. estuda e divulga as vivências e memórias dos refugiados que passaram por Portugal entre 1933 e 1945, e em particular daqueles que se alojaram no concelho de Cascais. Enquadra as temáticas dos refugiados e exilados no contexto da época, alargando o debate para as mesmas questões no contexto contemporâneo.

O Laboratório de História desenvolve a programação educativa direcionada a escolas no Espaço Memória dos Exílios (E.M.E.). A partir de uma perspetiva de complementaridade curricular, as atividades propostas conjugam a aquisição de conhecimento com o estímulo e desenvolvimento de aptidões académicas e sociais transversais à comunidade escolar no seu todo. Nestes encontros com a história, e com as histórias dos outros, os professores e alunos, do ciclo básico ao secundário, trabalham **o conhecimento do território, a capacidade de análise e síntese, a negociação e comunicação em grupo, a empatia, o espírito crítico, e a educação para a cidadania.**



ESPAÇO MEMÓRIA DOS EXÍLIOS
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA

História e Educação para a Cidadania

MEDIADORES DE TEMAS HISTÓRICOS 'DIFÍCEIS'

- A mediação de continuidade é um dos pilares da ação educativa escolar do Espaço Memória dos Exílios. As **parcerias de continuidade são as que melhor nos permitem promover a educação para a cidadania ativa e participativa** ancorada na ligação ao território local.
- Esta parceria educativa de continuidade permitiu não só que os alunos apreendessem os **factos históricos, mas também que desenvolvessem capacidades de análise e triagem de informação, empatia, autonomia, e espírito crítico**, essenciais numa prática de cidadania ativa contemporânea.
- O modelo de pensamento crítico é simultaneamente explicado em workshop, **modelado pelos mediadores, e desenvolvido ao longo dos vários encontros.**



GILBERT FRANQUET

Gilbert Franquet terá nascido em Morialmé, a 17 de fevereiro de 1933. Quando a segunda guerra mundial começou em 1939, teria apenas 6 anos; Gilbert pertencia ao grupo de crianças que foram entregues à Casa Maternelle.

Gilbert terá falecido a 21 de fevereiro de 2007, em França. Neste caso podem encontrar-se alguns dados online. Devido à interrupção do projeto por causa da pandemia, o caso ficou por desvendar, mas a internet abre portas a este mistério.



<https://projeto12f.wixsite.com/humanidades12f>

Atividades desenvolvidas com o EME:

2 workshops de técnicas de investigação.

Conversa com SONIA HULI descendente de sobreviventes de BERGEN-BELSEM.

Uma rota pedestre sobre os refugiados no Monte Estoril.

Palestra de contextualização histórica.

Divulgação:

FACEBOOK (grupos públicos e privados)

chegou até agora a **6,547** pessoas.

Testemunhos de estudantes

Atualizado: Jun 19

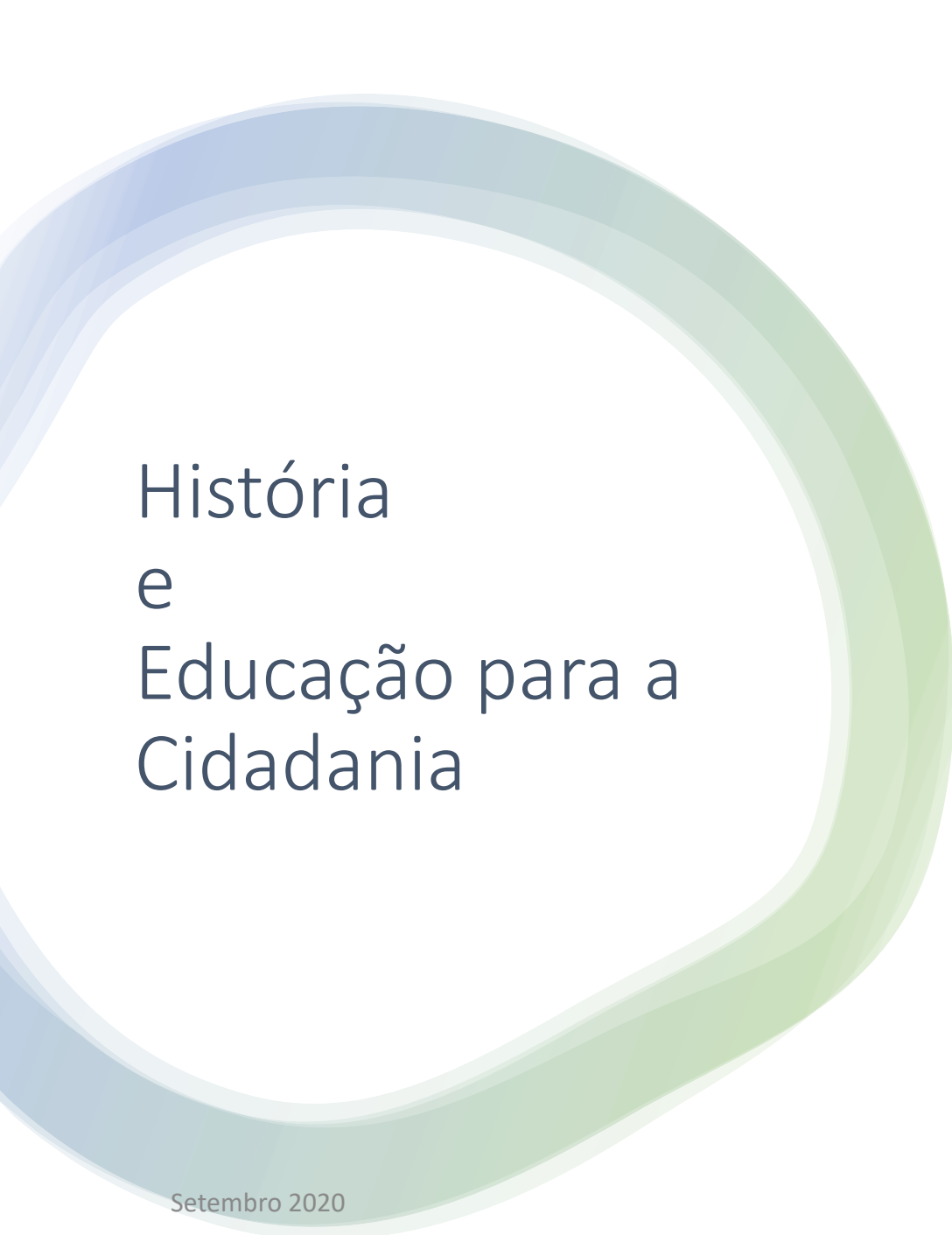
Andreia, 17 anos: "Ao participar neste projeto tive a possibilidade aprender novas competências como autonomia, responsabilidade e empreendedorismo."

Madalena, 17 anos: "Trabalhar neste projeto permitiu com que ganhasse uma nova perspetiva quanto à parte social que constitui a história."

Margarida, 18 anos: "Este projeto permitiu com que ganhasse experiência e conhecimento na área de investigação. Assim como melhorar as minhas competências de trabalho em equipa."

Diogo, 18 anos: "Trabalhar neste projeto foi uma experiência que contribuiu para as minhas aprendizagens e aptidões, tanto a nível histórico como pessoal."

Sara, 18 anos: "Com a minha participação neste projeto ganhei conhecimentos e aptidões que poderei transpor para a minha vida."

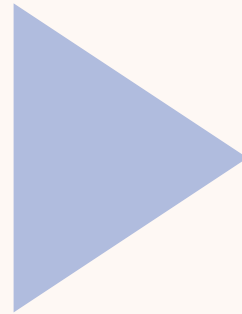


História e Educação para a Cidadania

- Apesar de a história enquanto disciplina escolar e a educação para a cidadania serem matérias intimamente relacionadas, não são passíveis de intercâmbio.
- E se a história ensinada nas escolas contribui para a educação para a cidadania, a educação para a cidadania não se apoia nem depende das normas, procedimentos, nem do racional da história.

O que é a história?

A história constitui um disciplina fulcral que, se apoiada em fontes e fundamentada, aborda as questões "quem somos", e consequentemente quem são "os outros".

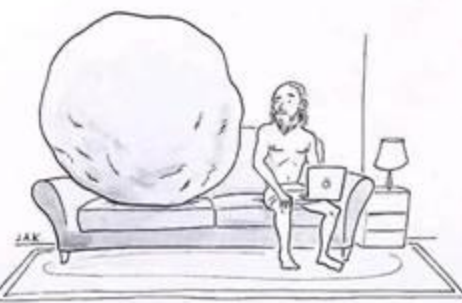


"O que" ensinar e "como ensinar" são questões separadas mas inter-relacionadas. De facto, a definição do que é História é em si mesmo um vasto objeto de estudo.

O objetivo do estudo histórico,
é a investigação de:

- o que aconteceu
- quando e onde aconteceu
- porque aconteceu
- que consequências teve





SISYPHUS WORKS FROM HOME



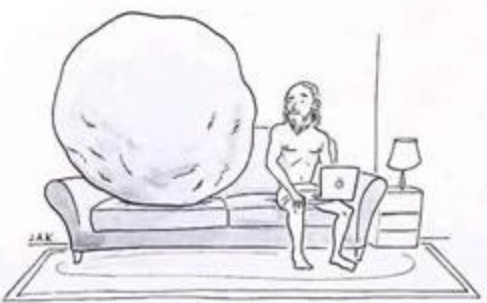
SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



S



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



S



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



SISYPHUS WORKS FROM HOME



S

HISTORY



Se trabalharem com fontes históricas, os alunos ganham uma compreensão dos fenômenos históricos e uma apreciação da importância da dimensão histórica em qualquer assunto que venham a considerar ao longo das suas vidas.

uma competência útil e transversal



HOW?

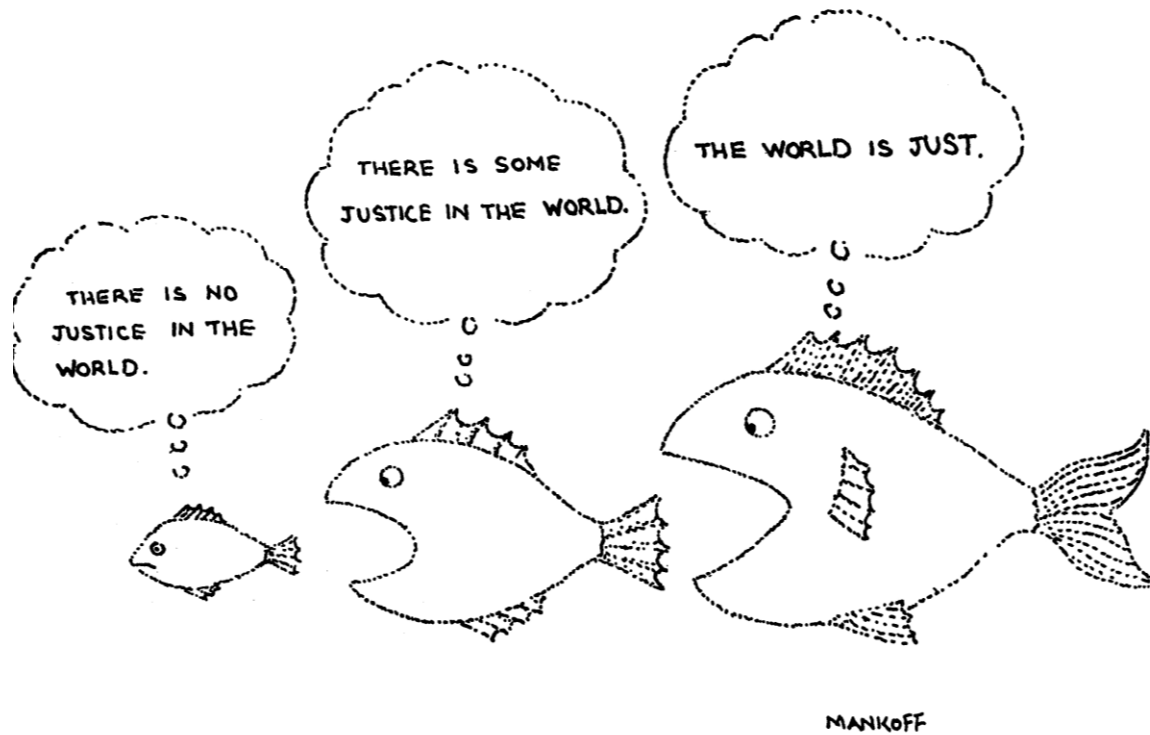


O conhecimento histórico é uma construção permanente

A história é interpretativa e subjetiva, com múltiplas narrativas coexistentes sobre acontecimentos históricos particulares, a história não deveria ser representada por uma narrativa *fechada, acabada, completa*.

A história é uma narrativa em constante (re)construção.

As diferentes perspetivas



Vários investigadores têm defendido que a abordagem interpretativa da educação histórica deveria ir além do relativismo, ensinando os estudantes a julgar e comparar a validade de diferentes narrativas utilizando critérios disciplinares.

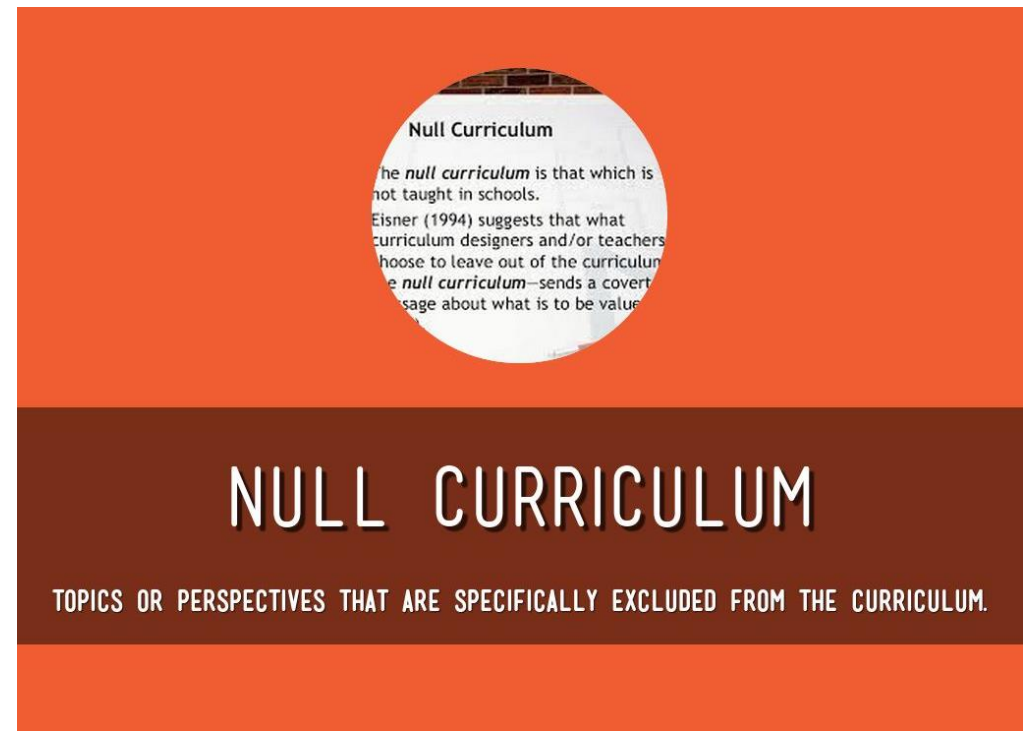
As sociedades tornaram-se mais diversas do ponto de vista ético e cultural, e a exploração das diferentes perspetivas é uma forma valiosa e necessária para os estudantes compreenderem mutuamente as (suas) diferentes culturas e se tornem responsáveis cidadãos democráticos.

O ensino da história nas escolas ajuda os jovens a...

1. Compreender a crescente diversidade dentro da sociedade / comunidades?
2. Desenvolver o pensamento crítico na era digital?
3. Lidar com questões sensíveis e emocionais?
4. Entender o que torna uma sociedade democrática e quais foram os principais passos para alcançar a democracia ao longo do tempo?
5. Promover as ideias de inclusão e coesão social, tendo em conta, especialmente, os fluxos migratórios?
6. Foi introduzida alguma mudança nos últimos 25 anos para promover a democracia e a compreensão da diversidade através do ensino da história?

Quando são omitidos passados dolorosos, controversos e sensíveis

- Tudo o que não se ensina – o currículo oculto, ou nulo – envia a mensagem de que os elementos que não se ensinam não têm importância, nem devem fazer parte das experiências educativas.
- Ensinamos mais guerras e menos a paz, ensinamos sobre umas culturas e não outras, não encaramos alguns assuntos como importantes (bagagem colonial, o racismo, a igualdade de género) muito provavelmente porque dolorosos, controversos.
- A existência de um currículo nulo, conscientemente ou não, tem consequências no desenvolvimento dos jovens e nas controvérsias que surgem na sociedade.



Incluir a história dolorosa, porquê?

Tem-se argumentado que a inclusão de questões polémicas e delicadas nas aulas de história desenvolve a cultura democrática, pois a compreensão crítica da controvérsia facilita o respeito por opiniões diferentes, a aceitação da discordância promove a tolerância e confirmação de que a heterogeneidade faz parte do mundo em que vivemos.

A aprendizagem não é passiva, quando o aluno aprende está a ligar a nova informação ao que já foi adquirido. O recurso a abordagens metodológicas de distanciamento para a discussão de controvérsias permite que cada aluno se envolva na discussão e que todos os alunos alcancem coletivamente uma nova compreensão do que foi discutido, um processo complexo e holístico, que envolve a construção de significado individual e coletivo da discussão, que desenvolve as dimensões cognitivas, emocionais e sociais da aprendizagem

O professor
perante a
história
difícil

EVITA

- Evita ensinar tópicos que possam ser controversos
- O objetivo do ensino da história é o conhecimento da história
- Discorda que os professores tenham uma contribuição mais vasta

LIMITA

- Ensina questões controversas mas contidamente (dentro do processo histórico)
- Os alunos não são motivados a ir à raiz do problema
- Pode recorrer ao ensino de tópicos que não da história nacional

ARRISCA

- Defende a utilidade social do ensino da história
- Liga o passado e o presente de forma consciente
- Aproveita as oportunidades para abordar as questões sensíveis
- Sem medo de ultrapassar os limites

História dolorosa, de quem?

A história de seis raparigas que tinham entre 18 e 23 anos quando se deu a libertação dos campos de extermínio nazis, onde elas estavam e aos quais elas, ao contrário da maioria, sobreviveram (...) a libertação esteve longe de ser o fim do martírio. As duas irmãs polacas, por exemplo, levaram um mês a conseguir voltar, pelos seus próprios meios, à cidade natal, para descobrirem que não só ninguém da família sobrevivera como a sua casa estava ocupada por polacos, que não tencionavam sair. A receção foi ódio e desprezo: “Porque voltaram? Estão a voltar mais do que os que partiram. Que vêm para aqui fazer? Vão-se embora.” (...) fugir para os EUA. Lá havia outros judeus, judeus que não tinham passado pelo mesmo. Mas precisamente por isso ninguém queria ouvir o que lhes tinha acontecido. “Cada vez que começava a falar do campo de concentração, diziam-me “Agora estás na América, isso ficou para trás, não interessa””, conta uma delas. E quando uma das irmãs polacas confessou a um primo americano que após a libertação tinha feito parte de um grupo que assaltava casas na Alemanha, a resposta dele foi: “Isso não está correto, roubar.” Isso, explica ela com um sorriso, calou-a. “Percebi que não podia falar, porque seria julgada pelos padrões dele. Ele não sabia que existiam outros padrões”

Fernanda Câncio, Diário de Notícias, 03.09.2020 <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/15-ago-2020/guia-para-vitimas-sensatas--12524866.html>

Sir Richard Evans “The History Wars” Junho 2020

- *“Derrubar estátuas não tem nada a ver com história e tudo a ver com memória. As estátuas tratam do presente, não do passado: tratam dos valores que queremos celebrar por meio das pessoas que consideramos que os representaram.*
- *Os políticos mais das vezes não conseguem distinguir entre história e memória.”*



Por que é tão difícil para os brancos falar de racismo?

- As memórias pós-coloniais foram ampliadas devido aos processos de migração mundiais e à coexistência de pessoas com origens, posições económicas e sociais muito diversas.
- Tudo isto constitui um desafio enorme para o ensino no século 21. Os manuais de história mal começaram a abordar as questões da *culpa* europeia e das consequências persistentes do imperialismo europeu - o desenvolvimento desigual, os desequilíbrios mundiais, com origens no passado, atualmente reforçadas pelos processos de globalização.

História inclusiva ou exclusiva?

- Estas omissões nos manuais e dos currículos ou seja, o currículo omisso ou nulo, estão na base dos grandes protestos atuais, aqueles que protestam estão excluídos da história que é ensinada, ou seja, *não são considerados parte da comunidade*.
- A história tem também uma finalidade tão individual quanto coletiva: permite-nos fazer perguntas que *não são sobre o passado, mas sobre o futuro*.



O que a escola não ensina pode ser tão ou mais importante do que o que ela ensina

A questão de saber se tais questões devem ser incluídas nos currículos geralmente levanta disputas acaloradas em todos os setores da sociedade.

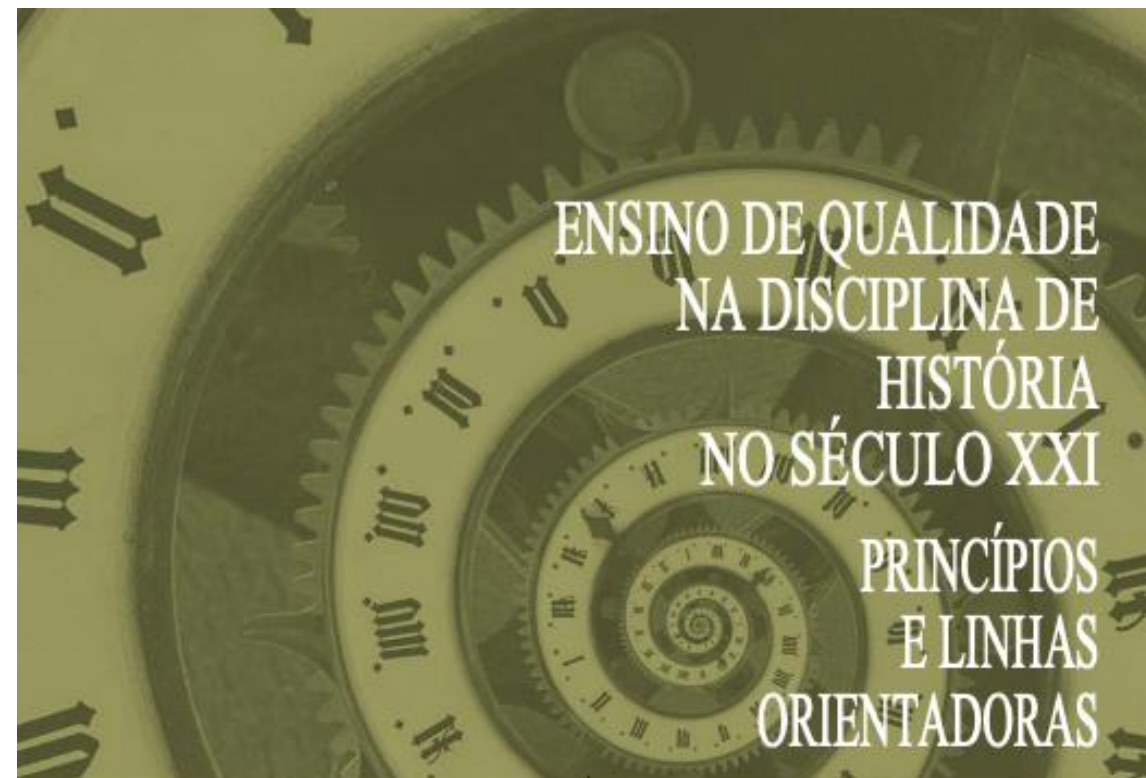
A omissão de questões dolorosas, polémicas e delicadas no currículo é uma decisão política relacionada com o conteúdo da narrativa histórica, alicerçada na *duvidosa convicção política de que o passado pertence a quem controla o presente.*



A partida e a chegada numa foto de Alfredo Cunha

ENSINO DE QUALIDADE NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI

PRINCÍPIOS E LINHAS ORIENTADORAS

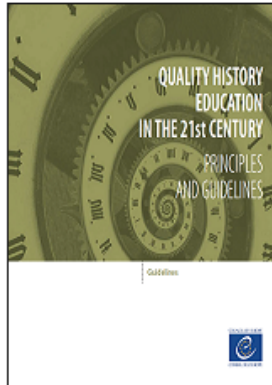


Linhas orientadoras



<https://rm.coe.int/ensino-de-qualidade-na-disciplina-de-historia-principios-e-linhas-orie/16808fd8b6>

The study of history has a particular contribution to make in delivering that vision and commitment. It offers insights into the complexities and diversity of past human behaviour; it fosters the ability to interrogate differing, even conflicting, narratives; it requires that arguments are supported by an understanding of wide-ranging evidence. But history in schools can only make such a contribution if what is taught, how it is taught and the quality of the available resources enables it to do so.



[Download the publication >>](#)

[Download the Portuguese version >>](#)

The Portuguese translation was sponsored by CITCEM – a Transdisciplinary "Culture, Space and Memory" Research Centre devoted to research in the fields of History, Archaeology, Art History, Literary and Cultural Studies, Museology, Historical Demography and Information Science, gathering more than three hundred researchers from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto.

Os princípios, as ideias chave e os elementos curriculares para a história de qualidade no século 21



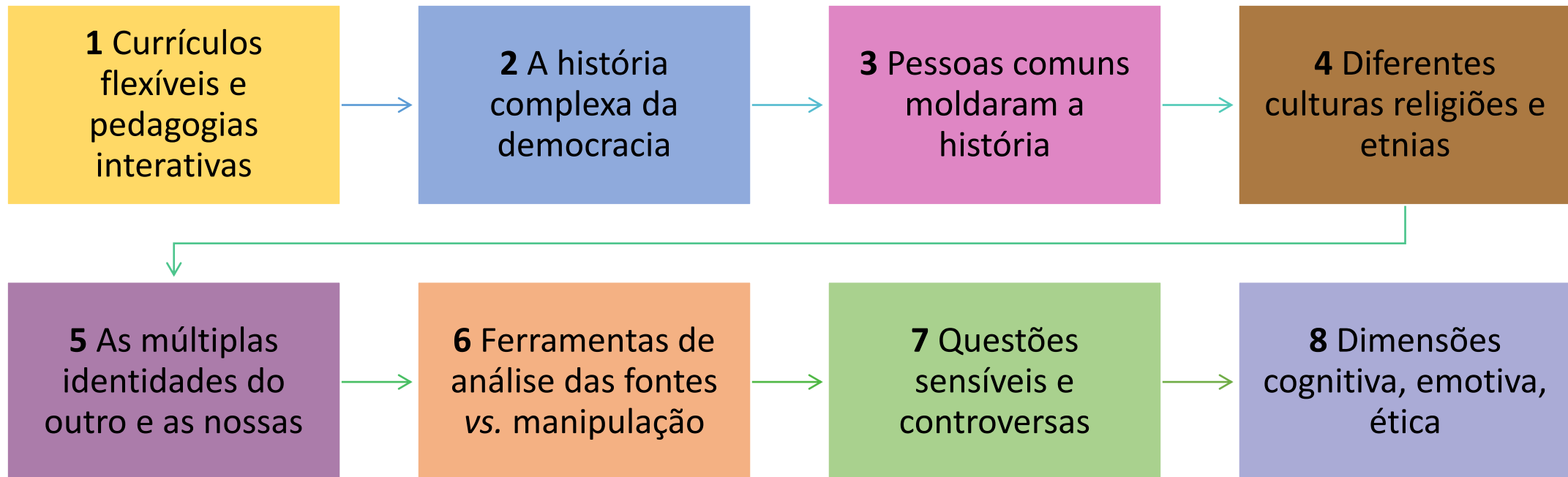
ENSINO DE QUALIDADE
NA DISCIPLINA DE
HISTÓRIA
NO SÉCULO XXI
PRINCÍPIOS
E LINHAS
ORIENTADORAS

Linhas orientadoras

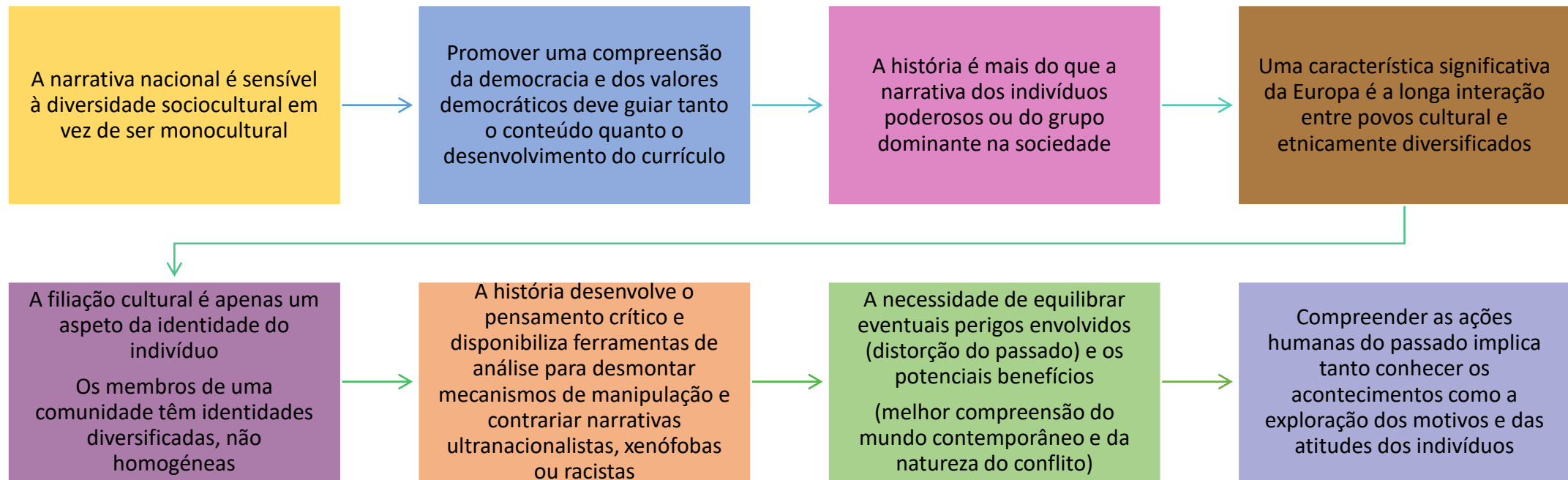
COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE



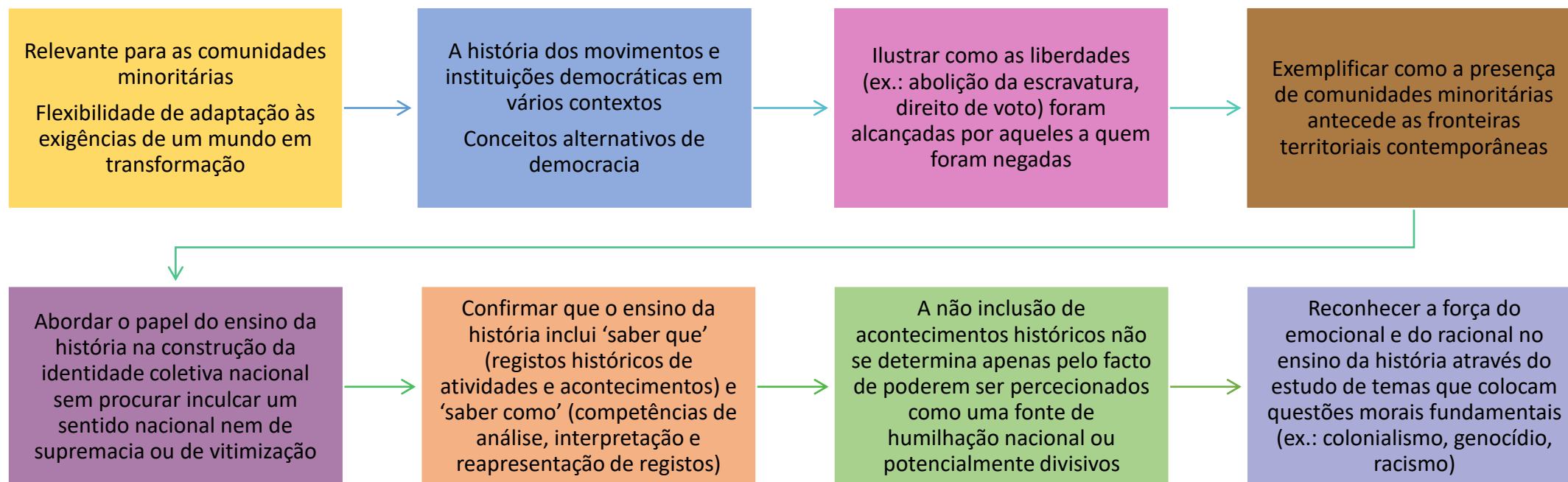
Os 8 Princípios



As ideias chave dos princípios



Os elementos curriculares relevantes



Se a história fosse removida, que impacto teria na sociedade futura?

- As suas aulas contribuem para o desenvolvimento da dimensão cívica dos alunos?
- Os seus alunos expressam livremente as suas ideias ouvem diferentes pontos de vista, discutem abertamente as suas diferenças na sala de aula?
- As questões que têm relevância para os direitos humanos, a cidadania democrática, a justiça, a igualdade ou o Estado de Direito são abordadas nas suas aulas?

